

# **5º Congresso Rio de Educação – 2007**

## **Palestra: Criando Alunos Empreendedores**

**Palestrante: Cássia D’Aquino**

Em vários anos de trabalho com a Educação Financeira, minha preocupação essencial sempre foi criar alunos capazes de encontrar soluções para problemas. Como educadora, preocupo-me demais com a situação dos estudantes que, muitas vezes, saem das universidades demonstrando comportamentos de dependência e infantilismo. Por exemplo, vejo a dificuldade que encontram para fazer pesquisas, elaborar bibliografias, etc. Isso acontece porque eles são sempre muito amparados e protegidos na resolução de problemas.

Como a escola pode criar condições para o aluno ingressar no mercado de trabalho, muito exigente e requerendo esforço para resolver problemas? Que tipo de alunos formamos ou queremos formar? Raramente temos noção de onde queremos chegar na formação da criança e do jovem. Na área de Educação, sempre aparecem novas modas pedagógicas que vão sendo adotadas e descartadas ao passar dos anos, sem que se estabeleça uma linha coerente e duradoura. Considero fundamental a visão da Educação Financeira, pois propõe que se pense a relação do aluno com o dinheiro. Isso nos remete a uma obra tão importante quanto a “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, que aborda questões muito contemporâneas e pertinentes como o bom senso da poupança e o mau gosto da opulência e da ostentação.

A Educação Financeira tem em vista a organização do jovem em relação aos sobressaltos financeiros, como aqueles que vivemos durante os anos do pesadelo inflacionário, quando, aliás, a disciplina teve impulso. Inicialmente, é necessário demonstrar alguma intenção de ensinar os alunos como se ganha dinheiro, não significando “fazer grana”, mas prepará-los para conhecer o mercado de trabalho. Neste momento, por exemplo, os economistas afirmam que o horizonte não é muito bom. Os alunos serão os futuros trabalhadores e deverão enfrentar um mercado de trabalho muito competitivo, e a disputa de vagas deverá ser sofrida. Como, então, ensiná-los a ganhar dinheiro? A resposta é: ensinando-os a resolver problemas. Infelizmente, não estamos sendo capazes de realizar essa tarefa de maneira cotidiana nas escolas.

Outra tarefa importante é ensinar os alunos a gastar o dinheiro. Esse assunto cabe aos pais resolverem, mas eles preparam muito mal seus filhos a lidarem com o dinheiro. Porém, como os jovens passam grande parte de seu tempo na escola, os educadores também desempenham um papel importante nesse campo. A escola deve, sim, educar crianças e adolescentes a lidar com o dinheiro, seja como conselheira dos pais, seja simplesmente admitindo que este é um assunto complexo e não temos todas as respostas. Seria preciso, na minha opinião, que adotássemos um pouco a postura dos gregos na Ágora, isto é, sentássemos e debatêssemos como educar para o consumo - especialmente no momento em que a escola quer encontrar um novo perfil. As coisas mudaram muito no que diz respeito ao consumo de crianças e adolescentes nas últimas décadas.

Gastar dinheiro significa fazer escolhas. A escola precisa oferecer aos alunos o conhecimento das situações para o aprimoramento das escolhas. Ao mesmo tempo, faz-se necessário ensinar como se poupa o dinheiro, algo que se refere a todos nós, não apenas aos jovens. No Brasil, a taxa de poupança interna é muito baixa, fenômeno que teve sua origem ainda na época das altas taxas de inflação. Países mais sérios mantêm níveis elevados de poupança interna. Com a melhoria das condições de saúde pública, a expectativa de vida dos brasileiros vem aumentando, o que indica a maior necessidade de os jovens se

preocuparem com a garantia de um futuro seguro. Portanto, torna-se fundamental a preparação dos alunos para a maturidade financeira, ensinando-os a adiar desejos imediatos em função de benefícios futuros.

O ambiente escolar deve oferecer aos alunos exemplos de que podem ser generosos, como forma de contradizer o discurso que apenas enfatiza elementos negativos da personalidade das crianças. Mostremos que eles são capazes de doar tempo e talento aos seus colegas e às pessoas. Afinal, precisamos estar cientes do tipo de valores que desejamos ver preponderar na sua formação. Os professores não se dão conta de que traduzem valores aos seus alunos em pequenos gestos e atitudes. Muitas vezes, deixam passar despercebidos detalhes da vida cotidiana que se prestam a sedimentar valores importantes nos alunos, e se perdem com problemas superestruturais e grandes ensaios sobre a Educação. Espanta-me ver a frequência com que professores mencionam novelas em sala de aula, ou o tipo de música utilizado nas festas escolares.

Desde a redemocratização do Brasil, as escolas vêm colocando ênfase na questão da ética em sua linha pedagógica. Parece-me que tal tendência não está funcionando. Do ponto de vista da Educação Financeira, os jovens estão sendo criados, por pais e professores, com uma visão absolutamente distorcida a respeito do que seja ganhar dinheiro. Por isso, devem ser observadas três distintas fases da formação do ser humano. Dos 4 meses aos 10 anos de idade, ocorre a “Fase de Formação da Mentalidade”, que a escola deveria aproveitar para fomentar a questão da “resolução de problemas” em uma perspectiva que torne os alunos interessados e curiosos. De 11 a 15 anos, tem-se a “Fase da Identidade”, ou da formação da atitude, em que o jovem encontra seu lugar no mundo e estabelece vínculos extrafamiliares - o que exige da escola exemplos para que os alunos se sintam identificados com comportamentos adequados. Entre 16 e 18 anos, é o período em que se dá a “Sedimentação de Informação”. No meu modo de ver, as escolas criam certa confusão com esse esquema de fases que apresentei. Por exemplo, será um fracasso a tentativa de despertar a “mentalidade empreendedora” antes dos 15 anos.

Há, também, na pedagogia tradicional um excelente método para se despertar na criança o interesse por exercer tarefas: trata-se da “Fase do Instinto de Trabalho” (2 a 5 anos), de Montessori, um exemplo de como, lamentavelmente, deixamos escapar possibilidades de educar para a vida. Essa fase é de tal maneira organizadora da psique da criança, com desdobramentos posteriores, que deveria ser área de intenso envolvimento da escola. Até mesmo os pais teriam de ser informados a respeito do que ocorre nesse período.

Outra eficaz maneira de se criar a mentalidade empreendedora é através da leitura. Eu sempre gostei muito de literatura infantil, especialmente de contos de fadas. Não me agradam os livros didáticos que vêm sendo adotados pelos professores nas últimas décadas. É espantoso como os alunos estão escrevendo mal e demonstram não saber ler. Cabe aos professores desenvolver a afeto pela leitura, pois abre novos horizontes aos jovens. Mas se o professorado não gosta de ler, aí mesmo é que não será capaz de transmitir essa paixão a seus alunos.

A relação entre crianças e o mundo do trabalho precisa ser reforçada dentro das próprias famílias. A informação que elas têm sobre o mundo do trabalho não pode se restringir ao momento da escolha de uma profissão. Trata-se de sua percepção acerca das *relações de trabalho*. Sugiro uma tarefa a ser recomendada aos pais: para estabelecer na mentalidade da criança um forte vínculo entre dinheiro e trabalho, peçam que digam aos filhos qual a sua profissão e que sejam capazes de explicar por escrito que tipo de atividade exercem. Aos professores, insisto para que mostrem aos alunos o passo a passo da resolução de

problemas, não caindo no equívoco de anunciar uma questão e mostrar a sua resolução. A transmissão de valores requer consistência e reflexão.

Como falei anteriormente, preocupa-me muito a forma como professores trazem para dentro de sala de aula assuntos de certos programas de televisão, como as novelas ou os “reality shows”. Na condição de educadora, já realizei um “Dia do desligue a TV” e recomendo a todos que tentem fazer o mesmo. Estabeleçam um dia no ano em que os alunos serão convidados a não ver televisão. Em contrapartida, produzam uma série de atividades alternativas que tenham como objetivo desenvolver o pensamento crítico na criança com relação à programação e à propaganda. Não se trata de as escolas dizerem aos pais como devem educar seus filhos, mas talvez seja uma solução mostrar ao aluno que existem outras possibilidades além daquelas que conhece. Que tipo de fama se mostra na televisão e na mídia? Deve-se ter muito cuidado ao tratar da relação entre trabalho e fama.

A Educação Financeira visa, portanto, mostrar à criança como o universo do trabalho se constitui. Em síntese, a vocação para criar negócios e ser empreendedor está relacionada à capacidade de resolver problemas. Nesse sentido, os educadores são responsáveis por despertar importantes características nos alunos: curiosidade, busca de soluções, estabelecer planos, atingir resultados. Devem ser estimulados a autoconfiança, a iniciativa e o autoconhecimento. Além desses, também precisam ser enfatizados: o senso de oportunidade e o espírito investigativo, que desenvolvem a capacidade de planejamento e negociação; a autonomia, a responsabilidade e a persistência. A colocação do problema e sua análise requerem um processo que se inicia com o “brainstorming”, passa pela escolha das soluções e se conclui com o teste da solução.